

Vulnerabilidades de adolescentes às infecções sexualmente transmissíveis: Uma revisão integrativa

Vulnerabilities of adolescents to sexually infections: An integrative review

Vulnerabilidades de adolescentes a las infecciones sexualmente: Una revisión integradora

Recebido: 11/01/2021 | Revisado: 12/01/2021 | Aceito: 27/01/2021 | Publicado: 28/01/2021

Antônio Tiago da Silva Souza

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1904-1681>
Universidade Federal do Delta do Parnaíba, Brasil
E-mail: at.tiago@hotmail.com

Francisco Ricardo Nascimento Freitas

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2655-619X>
Universidade Federal do Delta do Parnaíba, Brasil
E-mail: ricardofreitasac@gmail.com

Mercylha Francisca Gomes Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3158-956X>
Centro Universitário Uninovafapi, Brasil
E-mail: mercylhagomes@gmail.com

Maria da Consolação Pitanga de Sousa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8937-9800>
Centro Universitário Uninovafapi, Brasil
E-mail: mpitanga@uninovafapi.edu.br

Marianne dos Santos Pereira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2969-1891>
Cristo Faculdade do Piauí, Brasil
E-mail: marianne.dossantos@gmail.com

Silmária Bandeira do Nascimento

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6035-106X>
Universidade Federal do Delta do Parnaíba, Brasil
E-mail: silmarianascimento@hotmail.com

Daniela França de Barros

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3667-7510>
Universidade Federal do Delta do Parnaíba, Brasil
E-mail: daniifbarros@bol.com.br

Débora Joyce Nascimento Freitas

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9052-1365>
Universidade Federal do Ceará, Brasil
E-mail: deborajnf18@gmail.com

Edmar José Fortes Júnior

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0114-9937>
Instituição de Ensino Superior do Vale do Parnaíba, Brasil
E-mail: edmarfortes@hotmail.com

Marisa Carla Silveira Alves

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6720-4145>
Centro Universitário Maurício de Nassau, Brasil
E-mail: marisacarlas@gmail.com

Naira Denise de Sousa Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3077-706X>
Escola de Saúde pública do Ceará, Brasil
E-mail: nairadenise@hotmail.com

Roberto Carvalho Pinto de Almeida

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5267-2675>
Universidade Paulista, Brasil
E-mail: robertophb@gmail.com

Daniel Mayco de Melo Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1137-6209>
Faculdade Metropolitana de Manaus, Brasil
E-mail: danielmaicooliveira@hotmail.com

Ancelmo Jorge Soares da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2815-3001>
Universidade Estadual do Piauí, Brasil
E-mail: ancelmo.soares@gmail.com

José Ivo dos Santos Pedrosa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5416-2860>

Resumo

A adolescência é um período de crescimento heterogêneo que marca a passagem da infância à vida adulta, estando associada ao desenvolvimento do comportamento sexual, que pode levar ao aumento do risco de infecções sexualmente transmissíveis, devido às relações sexuais desprotegidas. O objetivo do presente estudo é analisar a produção científica sobre as vulnerabilidades de adolescentes às infecções sexualmente transmissíveis. A pesquisa baseou-se nos métodos de uma revisão integrativa da literatura, a qual possibilita a incorporação de evidências, foi realizado uma seleção de estudos nas bases de dados da saúde como: Lilacs, Scielo e Scopus. Os critérios de inclusão foram: artigos científicos, publicados entre os anos de 2013 a 2020. O período de coleta ocorreu em junho de 2020. A pesquisa mostrou que os adolescentes se encontram em um processo de vulnerabilidade individual por utilizar os métodos de prevenção às IST de forma irregular, como o preservativo, associada à falta de informação sobre questões relacionadas à sexualidade na adolescência como: corpo; sexo; gênero; prevenção as IST. Foi relatado sobre a importância da família para orientar os adolescentes sobre sexualidade e saúde, como também do enfermeiro por ser um profissional que atuam em ações educativas em saúde nos serviços de saúde. Há uma necessidade de ampliar e fortalecer as ações de prevenção entre os adolescentes dentro das escolas, como proposto pelo Programa Saúde na Escola, envolvendo alunos, docentes, família e comunidade em geral. Fortalecer as ações educativas em saúde construindo estratégias que tenham um alcance aos adolescentes, a fim de reduzir as infecções neste grupo.

Palavras-chave: Vulnerabilidade em saúde; Adolescente; Doenças sexualmente transmissíveis.

Abstract

The adolescence is a period of heterogeneous growth that marks the transition from childhood to adulthood, being associated with the development of sexual behavior, which may lead to an increased risk of sexually transmitted infections due to unprotected sex. The purpose of this study is to analyze the scientific production on the vulnerabilities of adolescents to sexually transmitted infections. The research was based on the methods of an integrative review of the literature, which allows for the incorporation of evidence, a selection of studies was carried out in health databases such as: Lilacs, Scielo and Scopus. The inclusion criteria were: scientific articles, published between the years of 2013 to 2020. The collection period occurred in June of the year 2020. The research showed that the adolescents are in an individual vulnerability process to be used methods of preventing STIs in an irregular manner, such as condoms, associated with a lack of information on issues related to sexuality in adolescence such as: body; sex; genre; prevention of STIs. It was reported on the importance of the family to guide adolescents about sexuality and health, as well as the nurse for being a professional who act on educational actions in health in the health services. There is a need to expand and strengthen prevention actions among adolescents within schools, as proposed by the Health in School Program, involving students, teachers, families and the community in general. Strengthen educational health actions by building strategies that reach adolescents to reduce infections in this group.

Keywords: Health vulnerability; Adolescent; Sexually transmitted diseases.

Resumen

La adolescencia es un período de crecimiento heterogéneo que marca la transición de la niñez a la edad adulta, estando asociada al desarrollo de la conducta sexual, lo que puede derivar en un mayor riesgo de infecciones de transmisión sexual por relaciones sexuales sin protección. El propósito de este estudio es analizar la producción científica sobre la vulnerabilidad de los adolescentes a las infecciones de transmisión sexual. La investigación se basó en los métodos de una revisión integradora de la literatura, que permite la incorporación de evidencia, se realizó una selección de estudios en las bases de datos de salud como: Lilacs, Scielo y Scopus. Los criterios de inclusión fueron: artículos científicos, publicados entre 2013 y 2020. El período de recolección ocurrió en junio de 2020. La investigación mostró que los adolescentes se encuentran en un proceso de vulnerabilidad individual por el uso de métodos de prevención de ITS. irregularmente, como los condones, asociado a la falta de información sobre temas relacionados con la sexualidad en la adolescencia, tales como: corporal; sexo; género; prevención de ITS. Se informó sobre la importancia de la familia para orientar a las adolescentes en sexualidad y salud, así como de la enfermera por ser una profesional que trabaja en acciones de educación para la salud en los servicios de salud. Existe la necesidad de ampliar y fortalecer las acciones de prevención entre los adolescentes dentro de las escuelas, como propone el Programa Salud en la Escuela, involucrando a estudiantes, docentes, familia y comunidad en general. Fortalecer las acciones educativas en salud mediante la construcción de estrategias que lleguen a los adolescentes con el fin de reducir las infecciones en este grupo.

Palabras clave: Vulnerabilidad en salud; Adolescente; Enfermedades de transmisión sexual.

1. Introdução

A adolescência é um período de crescimento heterogêneo que marca a passagem da infância à vida adulta, estando

associada ao desenvolvimento do comportamento sexual, e por isso o aumento do risco de infecções sexualmente transmissíveis (IST). A adolescência precoce, dos 10 aos 13 anos, caracteriza-se pelo ritmo de crescimento rápido e pelo aparecimento dos caracteres sexuais secundários. A adolescência média inicia-se aos 14 anos e termina por volta dos 16 anos, ocorrendo a maturação dos órgãos reprodutores, e a sua estatura máxima, levando a um aumento progressivo do interesse sexual. A adolescência tardia corresponde ao período a partir dos 17 anos até à vida adulta, e está associada ao aumento da atividade sexual e do risco de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), quando a relação sexual é desprotegida, ou seja, sem o uso do preservativo (Sá et al., 2015).

No tocante a vulnerabilidade, os primeiros estudos no contexto da saúde, foram de Mann et al. (1993), os quais definem a vulnerabilidade como a chance de exposição do ser humano ao adoecimento como consequência de um amontoado de aspectos não só individuais, mas também coletivos, contextuais, que acarretam maior suscetibilidade à infecção e ao adoecimento. Ressaltam ainda que as pessoas são vulneráveis à infecção pelo HIV quando se expõe ao vírus pela relação sexual, ou fluidos corporais como sangue contaminado. Além da vulnerabilidade biológica, existe uma realidade epidemiológica que tem que ser levada em consideração, de que o HIV necessita de ações específicas e identificáveis para que ocorra uma transmissão.

Sevalho (2018) descreve a vulnerabilidade como um termo interdisciplinar aplicável a diferentes campos temáticos, remetendo ao sentido de fragilidade. Na área da saúde, o conceito de vulnerabilidade tem presença na: Bioética, Saúde Mental, Saúde Ambiental, Epidemiologia. Etimologicamente, vulnerável refere-se à ferida, dano físico, emocional ou social, que metaforicamente remete ao significado de magoar, ofender, ferir sentimentos ou moral.

Ayres et al. (2018) afirmam que a vulnerabilidade é constituída por três planos interdependentes, a saber: a vulnerabilidade individual está relacionada aos aspectos que dependem diretamente das ações individuais, configurando o comportamento e as atitudes destes, a partir de um determinado grau de consciência que ele manifesta. A vulnerabilidade social se caracteriza pelo contexto econômico, político e social, que dizem respeito à estrutura disponível de acesso a informações, financiamentos, serviços, bens culturais, liberdade de expressão, entre outros, e a vulnerabilidade programática se refere às ações comandadas pelo poder público, iniciativa privada e agências da sociedade civil, que visam ao enfrentamento das situações que causam vulnerabilidade, proposição de ações e destinação de recursos com esta finalidade.

No que se refere às Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), destaca-se que vieram a ter uma atenção especial pelo Ministério da Saúde, a partir do início dos anos 80, quando surgiram os primeiros casos de AIDS notificados. Estes casos foram entre os homossexuais masculinos, seguidos dos usuários de drogas injetáveis e as prostitutas. Estes grupos foram inicialmente denominados de “grupos de risco”. Depois essa expressão foi substituída por comportamento de risco, por associar-se à exposição à infecção pelo HIV entre pessoas com prática sexual sem uso de preservativo, como também compartilhando seringas durante o uso de drogas injetáveis, dentre outras práticas. E posteriormente houve uma mudança do perfil epidemiológico da AIDS, nos anos 90, ampliando o universo de pessoas infectadas pelo vírus HIV como heterossexuais, homossexuais e bissexuais, revelando que a vulnerabilidade independente da orientação sexual dos indivíduos. (Ribeiro, Sousa & Sousa, 2015).

Hoje mais de um milhão de ISTs são transmitidas por dia no mundo somente pelo sexo, podendo ser considerada uma das causas mais agudas. Deste modo, a correlação entre a vulnerabilidade do adolescente com os fatores associados as dadas infecções fazem com que este grupo seja considerado um alvo crítico a vigilância, haja vista que estudo já analisam que essa parcela da população pode corresponder até a metade dos casos notificados. (Sentís et al., 2018)

2. Metodologia

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, a qual possibilita a incorporação de evidências na prática clínica (Bibb & Wanzer, 2008). Embora haja variações para a condução de métodos para o desenvolvimento de revisões narrativas, existem padrões a serem seguidos. Na operacionalização da revisão, serão utilizadas seis etapas: elaboração da questão de pesquisa, amostragem ou busca na literatura dos estudos primários, extração de dados, avaliação dos estudos primários incluídos, análise e síntese dos resultados e apresentação da revisão (Galvão, Mendes & Silveira, 2010).

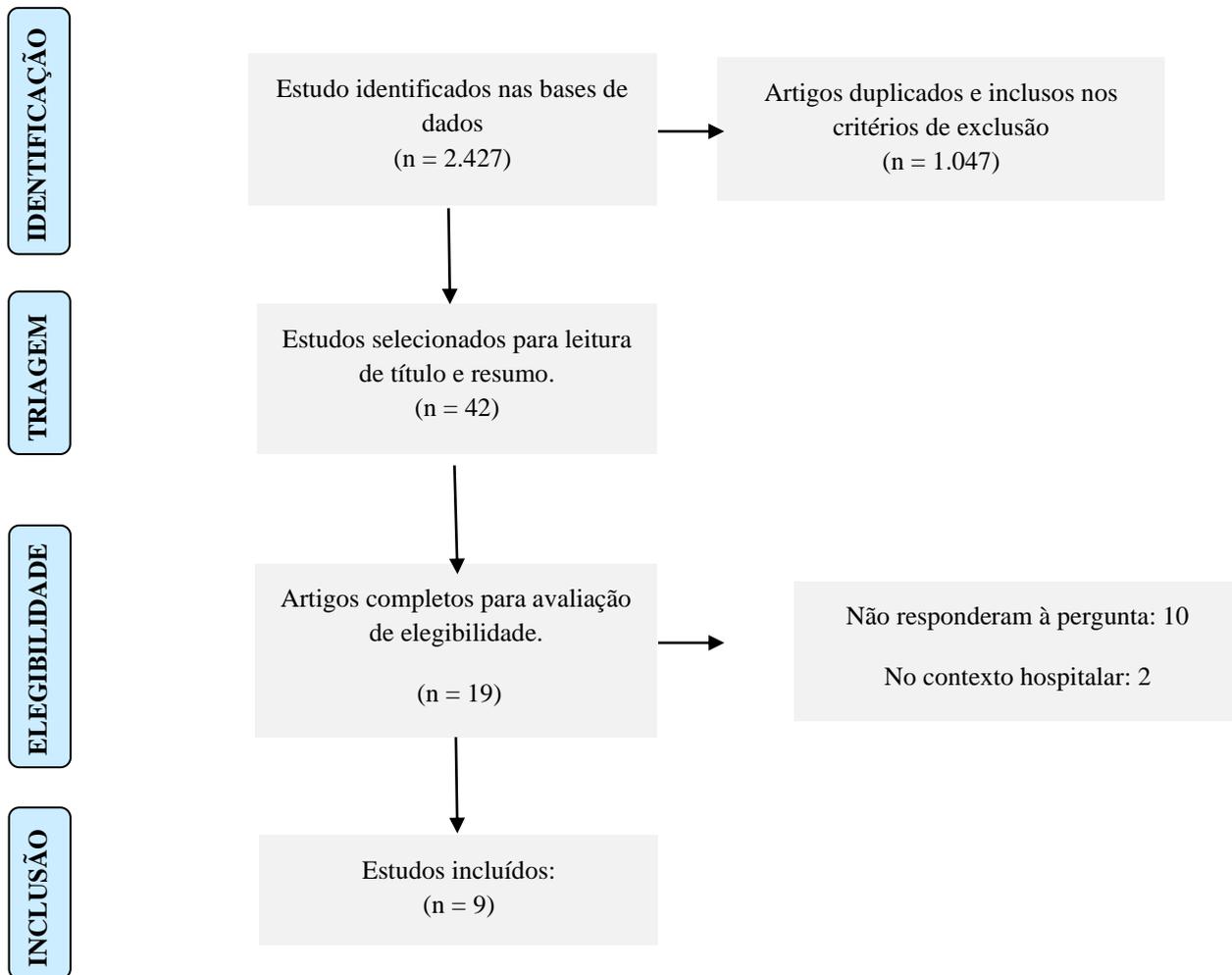
Foi realizado uma seleção de estudos nas bases de dados importantes no contexto da saúde como: Literatura Latino-Americana E Do Caribe Em Ciências Da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Scopus. Para a busca dos estudos, foram utilizados os Descritores em Ciências da Saúde - DeCS) – IST, Vulnerabilidade, Adolescente, Enfermeiro, combinados com operadores booleanos (AND e OR). A Questão de partida: O que vem sendo publicado sobre vulnerabilidade dos adolescentes às infecções sexualmente transmissíveis?

Os critérios de inclusão foram: artigos científicos que retratam o significado da vulnerabilidade de jovens as infecções sexualmente transmissíveis; artigos científicos indexados nas bases de dados: LILACS, SCIELO e SCOPUS, e publicados entre o período de janeiro de 2013 a dezembro de 2020, nos idiomas: português e inglês; como critérios de exclusão: relatos de casos informais, capítulos de livros, dissertações, teses, reportagens, notícias, editoriais, textos não científicos. A busca dos artigos científicos foi realizada em junho de 2020.

Foi elaborado um instrumento de coleta de dados adaptado para a pesquisa (Ursi & Galvão, 2006). Tal instrumento contempla o Título dos artigos, autor, categoria e principais contribuições.

Nas bases de dados foram encontrados 2.427 artigos, após algumas filtrações pelo critério de inclusão, foram selecionados 14 artigos científicos. Destes, 10 artigos foram encontrados 8 na base de dados Scientific Electronic Library Online (SCIELO), 4 na base de dados da SCOPUS e 2 foram encontrados na base de dados Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS).

Fluxograma 1 - Processo de Seleção dos Artigos para a Revisão de Literatura.



Fonte: Autores (2020).

3. Resultados e Discussão

Os resultados estão organizados no Quadro 1, o qual apresenta as publicações de acordo com: título, autor, Categoria e principais contribuições.

Quadro 1 - Distribuição das publicações de acordo com o título da pesquisa, autor, ano, periódico, metodologia e seus principais resultados.

N°	Título da Pesquisa	Autor	Categoria
I	Prevalência de sinais e sintomas e conhecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis.	Carvalho, <i>et al.</i> ; (2015)	Vulnerabilidade Programática
II	Percepções de enfermeiros acerca das vulnerabilidades para DST/Aids diante das conexões do processo de adolecer.	Silva, <i>et al.</i> (2015)	Vulnerabilidade Individual
III	Ações educativas do enfermeiro na promoção da saúde sexual e reprodutiva do adolescente.	Moreira, <i>et al.</i> (2015)	Vulnerabilidade Individual
IV	Simultaneidade de comportamentos de risco para infecções sexualmente transmissíveis em adolescentes brasileiros.	Neves, <i>et al.</i> (2017)	Vulnerabilidade Social
V	Conhecimento de adolescentes relacionados às doenças sexualmente transmissíveis e gravidez.	Almeida, <i>et al.</i> (2017)	Vulnerabilidade Social
VI	Sexually transmitted infections in young people and factors associated with HIV coinfection: an observational study in a large city	Sentís, A. et al. (2019)	Vulnerabilidade Social
VII	Social determinants of health and vulnerabilities to sexually transmitted infections in adolescents	Costa, M. I. F. et al. (2019)	Vulnerabilidade Social
VIII	HIV vulnerability among adolescent girls and young women: a multicountry latent class analysis approach	Mathur, S. et al. (2020)	Vulnerabilidade Individual
IX	Vulnerability profiles and prevalence of HIV and other sexually transmitted infections among adolescent girls and young women in Ethiopia: A latent class analysis.	Comins, C. A. et al. (2020)	Vulnerabilidade Social

Fonte: Elaborada pelos autores (2020).

Macedo et al. (2013) apontam que a vulnerabilidade das adolescentes está associada às limitações psicológicas advindas dos valores e tabus da sociedade, circunscritos na esfera do senso comum, como o fato destas não realizar o exame ginecológico, mesmo sabendo da importância, mas se privam de fazê-lo por medo e/ou vergonha de realizá-lo, contribuindo para o aumento da vulnerabilidade as infecções sexualmente transmissíveis e a gravidez precoce. Neste contexto, mostra a importância da educação sexual no ambiente escolar, articulando as questões sobre sexualidade com a promoção da saúde, realizando ações preventivas às Infecções Sexualmente Transmissíveis e AIDS.

O referido autor ainda destaca que à vivência da adolescência, especialmente aqueles em situações de vulnerabilidade expostos a drogas lícitas e ilícitas, à gravidez precoce, à prostituição, à violência e à delinquência infanto-juvenil, associada à tímida presença, nas unidades de saúde tornaram-se inquietações frente à atenção ao atendimento aos adolescentes, particularmente no que diz respeito às manifestações da sexualidade. Assim, a Enfermagem tem uma responsabilidade fundamental no trabalho em saúde com adolescentes, com ações que buscam a equidade, como também construindo um

processo de autonomia e coo-responsabilização de adolescentes no lidar com a vida, a sexualidade, a maternidade/paternidade, e a prevenção de agravos que trazem sofrimentos à vida.

De acordo com Reis et al. (2013), os profissionais de saúde consideram que as vulnerabilidades de adolescentes estão associadas aos riscos do uso de drogas lícitas e ilícitas, violência e prática sexual precoce e sem proteção do uso do preservativo. Consideram também que a abordagem sobre sexualidade se torna difícil devido aos contextos cultural, social e religioso que existe na sociedade, carregado de preconceitos e tabus. A ausência desta abordagem torna os adolescentes mais vulneráveis. Para tanto, há a necessidade de abordagens sobre sexualidade junto aos adolescentes, nas escolas, e na sociedade em geral para romper com os preconceitos e tabus, sobretudo com o processo de vulnerabilidades destes.

Segundo Barreto (2013), existe uma dificuldade de pais e educadores em tratar do tema sexualidade, pautada no diálogo acerca de que abordar sobre sexualidade poderia estar incentivando os adolescentes à prática sexual precoce. Isto implica em um aumento da vulnerabilidade dos adolescentes às IST significativa. Os autores sugerem aos educadores tratar do tema abertamente na escola, mas é necessário primeiro, compreender internamente a sua própria sexualidade, visto que estes receberam dos pais, familiares e da sociedade, uma educação carregada de preconceitos e tabus acerca da sexualidade.

Embora exista diversas diretrizes e políticas públicas que integrem atenção primária a saúde com as escolas, vários estudos no Brasil comprovam que esse tema ainda esteja sendo deslocado das atividades escolares, excluindo o caráter transversal que lhe é garantido pela legislação. (Costa, et al. 2019)

Malta, Martins e Almeida (2013), ressaltam que cada vez mais, os jovens vêm se preocupando com a busca por informações sobre as IST e suas formas de prevenção, no entanto, nem sempre é no âmbito familiar ou escolar que estes adolescentes encontram as respostas para as questões levantadas. É nesse contexto que o enfermeiro deve oferecer apoio e orientação precisa sobre as formas de transmissão e prevenção das DST, favorecendo acolhimento e futuros encontros. Tendo como base as consultas de enfermagem realizadas contribuindo para o conhecimento e prevenção das DST, e assim reduzindo as vulnerabilidades dos adolescentes.

No estudo a respeito sobre as vulnerabilidades à saúde do adolescente na contemporaneidade, Silva et al. (2014) afirmam que os resultados apontaram que os adolescentes revelaram a falta de conhecimento e autocuidado quando diante das questões relacionadas à vida sexual, e que as doenças sexualmente transmissíveis, como o HIV/AIDS, além da gravidez na adolescência, são decorrentes de fatores de vulnerabilidades em função da não prevenção, devido à falta de informação suficiente no ambiente escolar, para eliminar as possíveis vulnerabilidades as IST. Ressalta-se ainda que os adolescentes evidenciaram a necessidade de ações educativas com propostas centradas na construção de espaços que propiciem acessibilidade e participação dos jovens, a fim de ampliar, estratégias para a melhoria da educação em saúde, que são elementos chave para o desenvolvimento do capital humano e social.

Em estudo realizado por Carvalho et al. (2015), sobre a prevalência de sinais, sintomas e conhecimento sobre infecções sexualmente transmissíveis, com adolescentes residentes em assentamentos rural, mostrou uma vulnerabilidade maior entre pessoas do gênero feminino, que consumiam álcool antes ou durante a relação sexual, e que apresentavam piercing e/ou tatuagem. Portanto, foi relatado sobre a importância da identificação de sinais e sintomas das IST, por meio da abordagem sindrômica pelos profissionais de saúde, devido ser um método bastante recomendável para populações vulneráveis e de difícil acesso aos serviços de saúde, como adolescentes residentes em áreas de assentamento.

Carvalho et al. (2015) ainda afirmam também que os adolescentes e jovens são considerados grupos vulneráveis as IST, em função de que apresentam comportamentos de risco, como; iniciação precoce da atividade sexual, uso inconsistente do preservativo, múltiplos parceiros sexuais, consumo de álcool e outras drogas, entre outros. Ressaltam ainda que a fase da adolescência é constituída por transformações anatômicas, cognitivas, emocionais, sociais, econômicas e comportamentais, o que pode contribuir para o aumento dos comportamentos de risco para IST.

Tais fatores de riscos são acompanhados por um conjunto de Determinantes Sociais de Saúde (DSS), os quais relacionam os indivíduos fatores sociais em que estão inseridos. Neste caso, esses dispositivos podem servir tanto como proteção como ameaça, pois fatores descritos acima podem permear a comunidade de acordo com o seu grau de estruturação e desenvolvimento. (Costa et al. 2019)

Os padrões de vulnerabilidade associados as ISTs e que podem ser explicados pelos DSS são evidenciados pelos números que diversos estudos já fizeram sobre o tema. Em estudos feitos a fim de verificar a incidência dessas infecções em mulheres jovens e adolescentes em países em desenvolvimento na África, tais quais apresentam os fatores associados mais aflorados, mostram que em grupos que se caracterizavam por algumas dessas características: baixa escolaridade, histórico de migração, orfandade, desemprego, insegurança alimentar, podem representar até o dobro de casos em relação aos outros grupos. (Comins et al. 2020)

Silva et al. (2015) realizaram estudo sobre como os enfermeiros percebem as vulnerabilidades para as DST/Aids no contexto da adolescência, e identificaram que a adolescência é fenômeno multidimensional, envolvendo aspectos relacionados aos sentimentos de invulnerabilidades para as práticas sexuais, as iniquidades de gênero, a quais a mulher encontra-se em processo de desigualdade, lacunas do conhecimento, ou seja, a falta de informação sobre os riscos de infecção e quanto as formas de prevenção. Neste contexto, o enfermeiro por atuar nos diversos níveis de atenção à saúde, deve ter uma percepção e atuação fundamentada nos temas transversais as questões de saúde, como gênero, sexualidade, IST/HIV/Aids, dentre outros que possam contribuir para redução das vulnerabilidades.

Ressaltam também Silva et al. (2015), que na fase da adolescência, estes passam por vários contextos e possuem algumas práticas que contribuem para a vulnerabilidade como não uso de preservativos, ou uso irregular, iniciação sexual precoce, relações de gênero, classe e etnias desiguais, abuso sexual, dentre várias outras questões que favorecem ao aumento da vulnerabilidade às IST.

Segundo relato de experiência realizado em uma escola municipal por Moreira et al. (2015), os adolescentes se mostraram interessados nos conteúdos trabalhados sobre sexualidade e prevenção às IST e gravidez, mas ficou evidente o baixo grau de conhecimento em relação aos métodos contraceptivos e de prevenção às IST, devido à ausência de orientações na escola e na família, deixando-os ainda mais vulneráveis. Os autores afirmam ainda sobre as questões que permeiam as IST, como sexualidade e gênero, estas devem ser discutidas dentro da escola de forma frequente, e a partir de uma abordagem pedagógica.

Neves et al. (2017) destacam que em alguns estudos que avaliaram a idade de iniciação sexual de adolescentes, mostraram que é mais precoce nos meninos, e iniciam a relação sexual em relacionamentos eventuais, tendendo a uma maior frequência do uso irregular do preservativo. Já as meninas tendem a iniciar a relação sexual quando estão em relacionamentos estáveis, nos quais a confiança, a estabilidade da relação, o baixo risco aparente por estar em um relacionamento estável, como também desigualdade na relação de gênero, podem contribuir para uma menor frequência de uso de preservativos, levando a um comportamento de risco, aumentando as vulnerabilidades as IST.

Em estudo feito na Coreia do Sul, a prevalência de 7,4% em homens e 7,5% nas mulheres no período de 2007 a 2013 em adolescentes mostrou que a relação sexual aumentou consideravelmente a vulnerabilidade as ISTs. Relacionando a isso, estudos no Brasil mostraram que quanto mais precoce essa relação maior será a exposição dos adolescentes a atividade sexual e múltiplos parceiros, sendo adolescentes até 14 anos do sexo masculino mais predominante nesta perspectiva (20,9%), principalmente também aqueles que apresentam baixa escolaridade e baixo poderio socioeconômico. (Costa et al. 2019)

Levando em consideração em países de menores condições socioeconômicas, como no continente africano, cerca de 60% dos casos são confirmados em pessoas com menos de 25 anos. Ademais, aprofundando o tema sobre as condições de vulnerabilidades desses países, no ano de 2017 a região subsaariana representou dois terços das infecções por HIV no mundo,

sendo meninas adolescentes de 15 a 24 anos sendo até três vezes mais o alvo em comparação aos meninos da mesma categoria. (Comins et al. 2020)

Outro fator a considerar é o fato da coinfeção, haja vista que é uma possibilidade bastante eminente para esse tipo de infecção. Estudos mostram que pessoas que possuem múltiplos parceiros tem um risco aumentado de coinfeção para HIV. Além disso, pessoas que já tinham um diagnóstico prévio de IST no ano anterior também foram classificadas nesse grupo de risco. Assim, medidas mais específicas devem ser postas em prática afim de promover a educação e acompanhamento para essas pessoas que possuem uma maior vulnerabilidade ao caso. (Sentís et al. 2018)

Segundo Almeida (2017), os adolescentes reconhecem que a família e a escola devem compartilhar a responsabilidade de informar aos adolescentes sobre sexualidade, prevenção às IST e a gravidez. Ressaltam ainda se sentem mais à vontade para conversar sobre a vida sexual com a mãe, e que isso pode levar a mudança de comportamento positiva, principalmente quanto ao uso consistente de contraceptivos. Entretanto, apontam também que o professor/educador é uma pessoa importante, segundo os adolescentes, para levar informações sobre IST, ratificando assim a sua importância na função de educador no ambiente escolar.

Pondo em destaque a opinião dos adolescentes sobre os meios que podem ajudá-los é necessário também analisar como o assunto vai ser trabalhado com eles. Haja vista, a sensibilidade que cerca o tema é bastante proeminente, levando em consideração a discussão sobre atividade sexual, número de parceiros, preservativos e frequência de coito, muitas vezes o assunto sendo estigmatizado por condições já descritas neste trabalho, principalmente em mulheres adolescentes.

No entanto, perguntar às jovens sobre tópicos sensíveis como atividade sexual, número de parceiros, frequência do coito e uso de preservativo em contextos comunitários onde adolescentes qualidade ou HIV já pode ser estigmatizado, pode sujeitar mulheres jovens a um maior escrutínio e potencialmente levar a estigma e discriminação em relação a eles. Também pode impedir jovens de participar de programas de prevenção do HIV. (Mathur et al. 2020)

Deste modo a análise correta dos programas de tratamento e educação devem ser escolhidas minuciosamente afim de reiterar os adolescentes ao início, retenção e adesão a eles. Uma abordagem mais holística é indicada para o manejo das intervenções, visto que não precisa ser totalmente concentrado no comportamento sexual dos adolescentes. Assim, trabalhando as condições de vulnerabilidade descritas, atendendo as condições básicas de benefícios sociais, mesmo antes da exposição dos adolescentes de ISTs. (Comins et al. 2020)

4. Conclusão

Os estudos mostraram todas as vulnerabilidades, individual, social e programática. É importante ressaltar que os aspectos relativos as vulnerabilidades sociais como falta de conhecimento e acesso às informações. Quanto as vulnerabilidades programáticas caracterizadas pela consequência de ações do Estudo, por meio de uma política mais efetiva ou a quantia de acesso aos serviços e ações de saúde, mais acessibilidade aos insumos, leva ao acolhimento desta população consequentemente à vulnerabilidade individual, determinada pela falta de informação e não adoção de políticas seguras através do uso do preservativo.

A pesquisa mostrou que os adolescentes encontram-se em um processo de vulnerabilidade individual por utilizar os métodos de prevenção às IST's de forma irregular, como o preservativo, associada à falta de informação sobre a sexualidade na adolescência e, questões atreladas a estas como mudanças no corpo, relação sexuais seguras, e relação de poder desigual de gênero entre meninos e meninas, dificultando uma negociação para o uso do preservativo por parte das meninas, tornando-as mais vulneráveis.

Ressalta-se que a vulnerabilidade individual se torna ainda mais grave devido às deficiências nos serviços de educação e saúde públicos, os quais compõem a dimensão da vulnerabilidade social, embora exista uma política intersetorial

que propõe implantar ações para a saúde de adolescentes do ensino fundamental ao ensino médio na escola pública desde 2007, contemplando temas como saúde sexual e reprodutiva.

Conclui-se então que há uma necessidade de ampliar e fortalecer as ações de prevenção as IST entre os adolescentes dentro das escolas, como proposto pelo Programa Saúde na Escola, envolvendo alunos, docentes, família e comunidade em geral. Fortalecer as ações educativas em saúde construindo estratégias que tenham um alcance aos adolescentes, a fim de reduzir e/ou romper com as infecções neste grupo.

Referências

- Almeida, et al. (2014). Adolescência e sexualidade: scripts sexuais a partir das representações social. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 109- 109
- Almeida, et al. (2017). Conhecimento de adolescentes relacionados às doenças sexualmente transmissíveis e gravidez. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 70, 1087- 1094
- Ayres, (2018). Entrevista com Jose Ricardo Ayres. *Revista Saúde e Sociedade*, 27 (1), 51-60
- Aracelly, V. & Lucia, S. T. (2016). Prevalência de infecciones da transmision sexual y factores de riesgo para la salud sexual de adolescentes escolarizados Medellin, Colômbia. 29, 05-17
- Barreto, S. (2014). A vulnerabilidade da adolescente às doenças sexualmente transmissíveis: contribuições para a prática da enfermagem. *Revista Research – Investigación*. 809-816
- Ministério da Saúde. (2009). Caderno de Atenção Básica - Saúde na Escola nº 24. Brasília. http://dab.saude.gov.br/docs/publicacoes/cadernos_ab/abcd24.pdf
- Ministério da Saúde. (2016). Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim Epidemiológico – Sífilis. Brasília, 47 (35)
- Ministério da Saúde. (2017). Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim Epidemiológico- Sífilis. Brasília, 48 (36)
- Ministério da Saúde. (2017). Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. Boletim Epidemiológico HIV AIDS 2017 - Aids e IST - Ano V - nº 1 - 27ª a 53ª - semanas epidemiológicas - julho a dezembro de 2016 - Ano V - nº 1 - 01ª a 26ª - semanas epidemiológicas - janeiro a junho de 2017
- Ministério da Saúde. (2018). Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim Epidemiológico - Sífilis; Brasília, 49 (45)
- Ministério da Saúde. (2018). Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim Epidemiológico – Hepatites Virais; Brasília, 49 (31)
- Bibb, S. C., & Wanzer, L. J. (2008). Determining the evidence in the perioperative environment: standardizing research process tools for conducting the integrative literature review. *Perioper Nurs Clin*, 3(1), 1-17
- Carvalho, P. M. R., et al. (2015). Prevalência de sinais e sintomas e conhecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis. *Acta Paulista de Enfermagem*, 28(1), 95-100.
- Cooper, J. M., Michelow, I. C., Wozniak, P. S., & Sánchez, Pablo J. (2016). In time: the persistence of congenital syphilis in Brazil - More progress needed!. *Revista Paulista de Pediatria*, 34(3), 251-253
- Comins, C. A. et al. (2020). Vulnerability profiles and prevalence of HIV and other sexually transmitted infections among adolescent girls and young women in Ethiopia: A latent class analysis. *PLoS ONE*, 15(5), e0232598
- Costa, M. I. F. et al. (2019). Social determinants of health and vulnerabilities to sexually transmitted infections in adolescents. *Rev. Bras. Enferm*, 72 (6), 1595-1601.
- Galvão, C. M., Mendes, K. D. S., & Silveira, R. C. C. P. Revisão integrativa: método de revisão para sintetizar as evidências disponíveis na literatura. In: Brevideilli, M. M., Sertório, S. C. M. (2010). Trabalho de conclusão de curso: guia prático para docentes e alunos da área da saúde. São Paulo: Iátrica, 105-26.
- Andrade, L. D. F. et al. (2015). Promovendo Ações Educativas Sobre Sífilis Entre Estudantes De Uma Escola Pública: Relato De Experiência. *Revista Brasileira De Ciências Da Saúde*, 18(2), 161-166.
- Macedo, et, al. (2013). Adolescência e sexualidade: scripts sexuais a partir das representações sociais; *Revista Brasileira de Enfermagem*, 66, 103- 109.
- Mann, J., Tarantola, D. J. M., & Netter, T. (1993). Como avaliar a vulnerabilidade à infecção pelo HIV e AIDS. In: Parker R. A AIDS no mundo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 276-300.
- Malta E. C., Martins M. R., & Almeida M. F. Avaliação do conhecimento dos adolescentes sobre infecções sexualmente transmissíveis. *Rev enferm UFPE on line.*, 7(esp), 7042-7047.
- Mathur, S. et al. (2020). HIV vulnerability among adolescent girls and young women: a multicountry latent class analysis approach. *International Journal of Public Health*, [S. l.], 1-13.
- Melnik, B. M., & Fineout-Overholt, E. Making the case for evidence-based practice. In: Melnyk BM, Fineout-Overholt E. Evidence-based practice in nursing & healthcare. A guide to best practice. Philadelphia: Lippincot Williams & Wilkins; 2005. 3-24.

- Moreira, W. C. et al. (2015). Ações educativas do enfermeiro na promoção da saúde sexual e reprodutiva do adolescente. *R. Interd*, 8 (3), 213-220.
- Neves, R. G., et al. (2017). Simultaneidade de comportamentos de risco para infecções sexualmente transmissíveis em adolescentes brasileiros, 2012. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 26(3), 443-454
- Paula, T. C. S., Moreira, F. G., & Andreoli, S. B. (2016). Efetividade do atendimento psicossocial na continuidade escolar de adolescentes em vulnerabilidade social. *Revista Epidemio. Serv. Saúde*, 789-798
- Reis, et al. (2014). Vulnerabilidades à saúde na adolescência: condições socioeconômicas, redes sociais, drogas e violência. *Revista Latino-Am. Enfermagem*, 01-09
- Ribeiro, L. L, Sousa, E. G., & Sousa, M. C. P. (2015). Vulnerabilidade de adolescentes as dst/hiv/aids associado ao uso de bebidas alcoólicas. Teresina - PI: UNINOVAFAPI
- SÁ, et al. (2015). Infecções sexualmente e factores de risco nas adolescentes e jovens: Dados de um Centro de Atendimento a Jovens. *Revista Nascer e Crescer*, 29(2), 64-69
- Sentís, A. et al. (2019). Sexually transmitted infections in young people and factors associated with HIV coinfection: an observational study in a large city. *BMJ Open*, 9, e027245
- Sevalho, G. (2018). O conceito de vulnerabilidade e a educação em saúde fundamentada em Paulo Freire. *Revista Interface*, 177- 188
- Silva, et al. (2015). Nurses' perceptions of the vulnerabilities to STD/AIDS in light of the process of adolescence. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 72-78
- Silva, et al. (2014). Vulnerabilidade na saúde do adolescente: questões contemporâneas. *Revista Temas Livres Free Themes*, 619 à 627
- Souza, C. N. P. et al. (2014). Regressão logística aplicada aos casos de sífilis congênita no estado do Pará. *Revista da Estatística UFOP*, 3 (3)
- Silva, et al. (2014). Vulnerabilidade na saúde do adolescente: questões contemporâneas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(2), 619-627
- Ursi, E. S., & Galvão, C. M. (2006). Prevenção de lesões de pele no perioperatório: revisão integrativa da literatura. *Rev Latino-Am Enfermagem*, 14(1), 124-31